

## MÚSICA, JOGO E CRIAÇÃO NOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS: EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS NA LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

### Music, Game and Creation in Supervised Teaching Practices: Aesthetic Experiences in A Teacher Education Course (Pedagogy)

Erika Natacha Fernandes de Andrade<sup>1</sup>

Deisy Rodrigues Marqueti Jeamanordes<sup>2</sup>

**Resumo:** Este texto tem como objetivo discutir experiências formativas que visaram inserir acadêmicos da pedagogia em situações de jogo musical significativas. Parte-se das proposições do educador musical François Delalande que defende a música como um jogo, possibilitando o despertar musical mediante a exploração e a pesquisa de sonoridades, a vivência da escuta e as experiências com movimentos que produzem e controlam verdadeiros atos musicais. Com inspiração nas teses de Delalande, são narradas situações que vêm sendo desenvolvidas na formação inicial de pedagogos em uma universidade pública, em específico nos estágios supervisionados, em que a música é experienciada esteticamente como um jogo. Defende-se que o pedagogo pode contribuir para o desenvolvimento do gosto e da ação artístico-musical das crianças, e, ainda, que os professores unidocentes se sentem mais seguros para criar projetos abrangendo propostas com jogos musicais quando eles próprios vivenciam o jogo e a criação em seus processos de formação.

**Palavras-chave:** Música. Formação de professores. Experiência estética.

**Abstract:** This text aims to discuss formative experiences that aimed to insert pedagogy students in significant musical game situations. We begin with the propositions of the music educator François Delalande who defends music as a game, enabling musical awakening through the exploration and research of sounds, the experience of listening and with the experiences with movement that produces and controls true musical acts. Inspired by Delalande theses, the text brings narratives about practices that are developed in the initial training of pedagogues, specifically in situations of supervised training, in which music is experienced aesthetically as a game. It is argued that the pedagogue can contribute to the development of children's artistic-musical taste, and that pedagogues feel safer to create projects that include musical games when they experience game and creation in their processes of training.

**Keywords:** Music. Teacher training. Esthetic experience.

---

<sup>1</sup> Doutora em educação, professora na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Naviraí e professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal. Líder do Grupo de Pesquisa Discursos e Práticas Poéticas na Educação (CNPq). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2711-481X>. E-mail: erika.andrade@ufms.br.

<sup>2</sup> Pedagoga pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Naviraí. Professora de música. Membro do Grupo de Pesquisa Discursos e Práticas Poéticas na Educação (CNPq). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1825-0097>. E-mail: deisy.marqueti@hotmail.com.



## 1 Introdução

A música é uma atividade essencialmente humana, construída desde civilizações antigas, viabilizando a representação e a significação do mundo, a organização e a expressão de sentimentos, ideias e conceitos. Apesar de estar em todos os grupos sociais, o fazer musical varia conforme o momento histórico e o tempo/espaço de cultura. As pessoas constroem conhecimentos relativos à música participando de situações sociais, em experiências significativas com outras pessoas que medeiam a apropriação dos instrumentos, produtos, signos, modos de fazer etc. que compõem os múltiplos sistemas simbólicos musicais (STRAZZACAPA; NASSIF-SCHROEDER; SCHROEDER, 2005; NASSIF-SCHROEDER, 2008).

A música na educação impulsiona o desenvolvimento global dos estudantes; de modo específico, a música contribui para o conhecimento das obras da humanidade e para a ampliação das sensibilidades, ampara a formação do pensamento flexível, crítico e criativo, favorece a formação de personalidades mais empáticas, justas e atentas às diversidades. A música – e a arte de modo geral – também abarca o objetivo de propiciar a alegria e o encantamento, devido ao prazer que uma pessoa pode experimentar mediante o ouvir, sentir, gestuar, experimentar e explorar o corpo, os materiais e os objetos, ou, mesmo, devanear entre ideias incipientes (ALMEIDA, 2001).

Este texto tem como objetivo discutir experiências formativas que visaram inserir acadêmicos da pedagogia em situações de jogo musical significativas, isto é, centradas na exploração, na problematização, na conscientização das sonoridades, na capacidade de escuta, na imaginação e na criação. Iniciamos com a apresentação das proposições elaboradas por François Delalande (2019) na obra *A música é um jogo de criança*, composta a partir de diálogos radiofônicos transmitidos na rádio *France*, e editados pelo próprio educador musical.

As relações entre o jogo e o despertar musical discutidas por Delalande foram as bases para entendermos a música como fonte de experiências com qualidades estéticas, as quais mobilizam e afetam as pessoas singularmente, facultam a coordenação do material da experiência em prol da modificação do eu e/ou do meio, e impulsionam a criação de valores diferentes dos usuais. Tomando as prerrogativas de Delalande como inspiração passamos, então, à narrativa da organização de experiências com música na formação de professores pedagogos no curso de pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal (UFMS/CPNV), particularmente em disciplinas de estágio supervisionado.

O exercício teórico e o relato apresentados nos levam à defesa de que o pedagogo, valendo-se do jogo, pode contribuir positivamente para o desenvolvimento do gosto e da ação artístico-musical das crianças da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental. Os professores pedagogos, unidocentes, se sentem mais seguros para criar projetos que abranjam propostas com jogos musicais quando eles próprios participam de experiências com música e com sonoridades em seus processos de formação inicial e continuada, desenvolvendo, assim, um *ethos* profissional mais sensível, criativo e poético.

## 2 O que os professores pedagogos podem aprender com as proposições de Delalande?

O educador musical François Delalande nasceu em Paris no ano de 1941, é engenheiro de formação e dedicou-se ao estudo da música na juventude. Na atualidade, Delalande é considerado um dos principais representantes da pedagogia musical, cujos trabalhos buscam compreender como se iniciam e se desenvolvem as práticas de escuta e de produção com a linguagem musical na infância (ALARCON; BRITO, 2019).

Delalande (2019) define a música como um jogo; na atividade de jogo há execuções cujas características também estão na base dos fazeres musicais. Por exemplo, o que acontece com o bebê que brinca é similar ao que é vivenciado pelo pianista que gestua, explora e manipula o seu instrumento, inclusive sensorialmente. Tal como ocorre no universo lúdico, o musicista manipula as variações das sonoridades, aprimora as suas ações, desenvolve novos esquemas mentais em meio aos gestuais, cria ou segue regras para produzir a sua música de maneira eficaz, simboliza, vivencia momentos de dificuldades, de esforços, de insatisfações, mas também alcança a consumação – um sentimento de prazer – ao apresentar o seu fazer musical. A música como um jogo não é atividade mecanizada: é criação.

A metáfora do jogo permite à Delalande (2019) explicar o desenvolvimento musical das crianças e dos seres humanos de modo geral. Nossas musicalidades são promovidas na medida em que jogamos, conforme exploramos e manipulamos materiais, possibilitando-nos a descoberta de outras sonoridades e de diferentes modos de produzi-las. Os jogos com música nos espaços educativos – escolares ou extraescolares – rompem com perspectivas tecnicistas de ensino, pois situam a mediação e a criação no centro dos processos de aprendizagem; desse modo, é criando, no diálogo com outras outras pessoas mais experientes, que as crianças (ou estudantes em outras faixas etárias) aprimoram os modos de fazer (de tocar, de cantar, de movimentar etc.), criam regras para a ação, atuam com materiais e instrumentos de maneira simbólica, vivenciam as frustrações quando as ações não chegam a uma conclusão agradável e alcançam o prazer quando percebem os efeitos genuínos das suas ações.

A música se mantém um pouco à parte dos demais sistemas de ensino, posto que, por natureza ela é um jogo. [...] É necessário, evidentemente, preservar esse caráter lúdico e evitar que se torne um exercício escolar motivado exclusivamente pelas pressões exercidas pelo professor. Através do jogo, as fontes sonoras são exploradas, o real é imitado, os sons são organizados. A criação nasce do jogo (DELALANDE, 2019, p. 128).

Delalande (2019) explica que o movimento – instituído pela mão, pelos pés, pela face, pela boca, pelo corpo que dança etc. – é imprescindível para que o jogo aconteça; a primordialidade da ação, da gestualidade, acontece, primeiramente, porque as sonoridades são movimentos, e, ademais, pelo fato de o movimento aguçar a sensorialidade, a vontade da criança de perceber, de controlar variações e de querer alcançar um resultado. O movimento no jogo favorece a imitação, a apropriação do corpo, dos objetos e instrumentos, assim como a invenção de modos inusitados de produzir o som; o movimento, com o tempo, se torna intencional e cada vez mais controlado autoralmente, viabilizando ações expressivas, isto é, verdadeiros atos artísticos e musicais, em que crianças (jovens e adultos) criam partituras vivas e compartilham emoções, sentimentos, ideias e ações.

O bebê de um ou dois anos fica fascinado pelo próprio som, ou para ser mais preciso, pelo gesto que produz o som. Isso quer dizer que ele está muito mais interessado em saber em que medida ele pode agir sobre a fonte. O som provoca motricidade. [...] E quando ele tem o objeto nas mãos e o toca, você não sabe mais ao certo se ele está realmente escutando ou se é exercício motor que o satisfaz. Mas em minha opinião essa distinção é artificial. Ele tomou posse do som. Ele o pegou. Eu ficaria tentado a dizer, para me fazer entender, que o pequenino escuta com as mãos (DELALANDE, 2019, p. 98).

A escuta, segundo Delalande (2019), é igualmente desenvolvida no jogo. Ao se envolver em criações, ao apreciar outras produções musicais, as crianças constroem um dicionário de sons e de gestos. A exploração dos ruídos produzidos pelos bebês e pelas crianças bem pequenas, a manipulação de instrumentos e de outras fontes sonoras não tradicionais – elementos da natureza, objetos domésticos etc. – são vias que possibilitam a pesquisa de uma multiplicidade de variações sonoras e, conseqüentemente, o desenvolvimento da escuta. Para Delalande (2019, p. 126), o educador deve promover experiências e ambientes propícios para fazer nascer um apetite musical, tendo em vista que “nós só escutamos, de fato, aquilo que temos boas razões para escutar. Sem motivação, não há escuta! Essa é uma lei geral”.

Ao defender uma concepção de educação musical criativa, não tecnicista, e, portanto, oposta aos métodos tradicionais de ensino da música – que priorizam a padronização das sonoridades, a aquisição de noções e de técnicas – Delalande (2019) considera que os objetivos do jogo musical podem ser condensados na ideia de despertar musical. O educador musical refere-se aos processos pedagógicos que se valem das energias que são inicialmente naturais e espontâneas, como o impulso do bebê de querer se relacionar com o mundo social, mexendo, pegando, apertando, batendo, chacoalhando etc. As energias naturais, quando aproveitadas, mediadas e coordenadas, podem provocar o despertar da pessoa para o mundo dos sons, para a escuta, convencendo-a de que o universo sensível da música é instigante, curioso e problematizável; essa é a via para que o educando alcance novos desenvolvimentos culturais e musicais.

O educador deve estar pronto para guiar e fazer com que as crianças progridam em processos que são originalmente espontâneos, pois, se permanecemos no estágio da espontaneidade, não caminhamos e as crianças logo se detêm. Elas fazem seus pequenos ruídos aos quatro meses de idade e talvez os continuem fazendo aos três anos, mas as explorações passam a ser menos prováveis. Acredito na importância de conduzir as pesquisas das crianças, de maneira a enriquecê-las para que se tornem formas de invenção e composição (DELALANDE, 2017, p. 20).

Delalande (2019) discursa, ainda, sobre os centros de interesses das crianças nos jogos em diferentes momentos do desenvolvimento. Os bebês se interessam pelo jogo sensorio-motor em que é possível explorar, manipular e descobrir o mundo sonoro circundante; para os bem pequenos som e gesto são indissociáveis, levando-os à pesquisa sensorial, à representação corporal do que se ouve ou canta, à ação fortuita, e até mesmo ao gesto intencional em que a criança produz um movimento sabendo que assim chegará a um evento sonoro desejado. Delalande (2019) considera que na educação infantil os educadores devem se voltar para a exploração sonora e ressalta que o fazer musical do bebê contradiz, na maioria das vezes, as representações que os adultos possuem sobre o que é música; ao tocar, esfregar, sacudir e vocalizar, criando ruídos, as crianças conhecem, escutam, refinam o gestual e mergulham, cada vez mais, na dimensão sensorial do jogo musical.

Em outro momento do desenvolvimento, que não é alcançado espontaneamente, mas provocado pelas experiências, as crianças passam a se interessar pelos jogos musicais simbólicos, pois desenvolvem entendimentos de que a linguagem – oral, escrita, plástica, musical, corporal etc. – permite simbolizações, seja de lembranças do passado ou das experiências vividas no presente. No caso da música, as crianças se interessam por investigar a representação do real por meio do som, sendo convidativo criar sons de personagens, de cenas e de eventos de uma história, elaborar movimentos que representam sonoridades, produzir registros sonoros pelo desenho etc. Delalande (2019, p. 36) destaca o valor das experiências

com a dimensão simbólica da música, lembrando que os músicos não “fazem som pelo som, nem estruturas sonoras por estruturas sonoras; mas que tudo isso remete a outra coisa, seja essa ‘outra coisa’ da ordem das imagens, dos afetos ou da mitologia”.

Desenvolvendo-se musicalmente, as crianças voltam seus interesses para os jogos musicais que trazem outra novidade: as regras. São jogos que circundam a estrutura da música e que se valem de socializações e combinados para levar as crianças a perceberem, ou a criarem, organizações musicais. Tornam-se provocativos os jogos em que a criança deve escutar a si mesma e aos outros para saber a sua vez de cantar ou tocar; jogos da tradição que propiciam a criação de regras ou de movimentações específicas; jogos com uso de objetos sonoros e de instrumentos musicais; jogos envolvendo as percussões corporais, os cânones, as invenções melódicas, a elaboração de pequenos ostinatos etc. Delalande (2019) enfatiza que cada cultura possui sua própria gramática musical e que, jogando e socializando, as crianças passam a se interessar pelos efeitos estéticos e organizacionais das variadas formas musicais, como se estivessem em brincadeiras de montagem muito prazerosas.

A organização formal observada nas produções das crianças de cinco e seis anos explica-se, sobretudo, pois esta é uma época de intenso desenvolvimento do jogo de regras. Isso não se dá apenas com os sons, mas é frequente em atividades sensório-motoras, por exemplo, quando as crianças inventam brincadeiras repentinas e desafiadoras, como descer escadas em apenas uma perna. O jogo da amarelinha é um grande exemplo desse período característico de desenvolvimento. Em música, isso existe em forma de brincadeiras cantadas, como as fórmulas de escolha, quando fazemos uma frase entrar em uma estrutura melódico-rítmica. É uma forma de jogo de encaixe, como aqueles que consistem em inserir triângulos dentro de triângulos e círculos dentro de círculos. Essas ideias estão na base da música ocidental polifônica, como nas formas de cânone e fuga, por exemplo (DELALANDE, 2017, p. 25).

O que professores pedagogos podem, então, aprender com as proposições do educador musical François Delalande? Talvez a principal contribuição seja a de levar os profissionais unidocentes a pensar que, nas práticas pedagógicas com crianças (ou mesmo com adolescentes, jovens e adultos), a música vivida como um jogo é fonte de experiências com qualidades estéticas. Referimo-nos às experiências estéticas na perspectiva de John Dewey (2010), como processo que afeta o sujeito de modo particular, que provoca paixões, que leva a pessoa a sentir e a perceber o mundo mais detidamente, que mobiliza a exploração, a ação, a fabulação e a criação de sentidos, significados, ideias, ações, expressões, produtos, e que, enfim, provoca o sentimento da consumação, pois a experiência vivida valeu a pena.

A música como um jogo possibilita, justamente, a participação das crianças e dos demais estudantes em um movimento estético que os mobiliza e os afeta, que faculta a coordenação do material da experiência em prol da modificação do próprio eu e/ou do meio, que insurge a criação de valores diferentes dos usuais, incitando a expansão do pensamento, das simpatias, dos relacionamentos, da imaginação, das condutas, dos juízos etc. Além de estético, o jogo musical se configura como um ato artístico ao tornar-se propósito que é ajustado conforme o sujeito descobre, ou toma consciência, dos seus desejos e percepções, bem como das qualidades e dos efeitos dos materiais manipulados. Esse processo de apaixonamentos, de alargamentos dos modos de ver e sentir o mundo, e de projeções inéditas, é primordial para a formação de seres poéticos, capazes de simbolizar e imaginar coisas que não existem.

Programas de formação – inicial e continuada – podem ajudar os professores a compreender que podem interferir positivamente no desenvolvimento estético, artístico e



musical das crianças. Se o trabalho dos professores especialistas é imprescindível para esse fim, não menos importante é a atuação dos professores pedagogos que permanecem com as crianças da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental a maior parte do tempo, sendo os principais propositores de projetos que integram linguagens e áreas do conhecimento.

Para o despertar musical dos pedagogos são imprescindíveis propostas de formação que democratizam as experiências com qualidades estéticas; sentindo o jogo musical no próprio corpo, os futuros professores (e mesmo os docentes nas formações continuadas) têm mais condições para desconstruir modelos de ensino tecnicistas e concepções inatistas sobre o desenvolvimento artístico-musical das pessoas, para elaborar ideias sobre a musicalização em consonância com o estudo de perspectivas de educadores musicais contemporâneos (à exemplo das teorizações de Delalande, John Paynter, Murray Schafer, Keith Swanwick dentre outros) e, principalmente, para serem criadores de propostas pedagógicas que ampliam as relações das crianças/dos estudantes com as melhores produções culturais da humanidade.

### 3 A música como um jogo na formação do pedagogo

O curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Naviraí (UFMS/CPNV) tem duração de 4 anos e, em seu currículo, conta com quatro disciplinas de estágio curricular supervisionado: (1) estágio em educação Infantil I (Creche), (2) estágio em educação infantil II (pré-escola), (3) estágio nos anos iniciais do ensino fundamental I (1º, 2º e 3º anos), (4) estágio curricular nos anos iniciais do ensino fundamental II (4º e 5º anos). Conforme o projeto pedagógico do curso, para o cumprimento da carga horária obrigatória do Núcleo de Aprofundamento, os acadêmicos realizam um quinto estágio curricular supervisionado, com a possibilidade de escolherem entre o estágio em gestão escolar e o estágio em trabalho e educação (este último, desenvolvido em espaços de educação social). Os estágios na pré-escola e nos quartos e quintos anos do ensino fundamental ocorrem no primeiro semestre de cada ano, enquanto os demais estágios têm a suas ofertas nos segundos semestres letivos do curso de Pedagogia (PPC PEDAGOGIA UFMS/CPNV, 2018). O objetivo principal das disciplinas de estágio é promover ações que contribuam para o desenvolvimento profissional do pedagogo, especialmente para a construção de uma identidade docente sensível, autoral, ética, política e reflexiva, garantindo conhecimentos acerca das especificidades do trabalho pedagógico em cada etapa da educação básica, favorecendo a criação de práticas pedagógicas que não são dicotomizadas das pesquisas científicas da área educacional.

No primeiro semestre de 2022, com a retomada das atividades presenciais na universidade e nas escolas de educação básica no município de Naviraí – possibilitada pela vacinação de crianças, jovens e adultos contra a pandemia do Coronavírus e pela manutenção de protocolos de biossegurança –, as aulas referentes às disciplinas dos estágios supervisionados abarcaram, em um primeiro momento, estudos teóricos e experiências com qualidades estéticas envolvendo as linguagens da música, da dança, da pintura, do desenho e da literatura.<sup>3</sup> A Imagem 1 traz o registro de uma oficina de pintura ocorrida na disciplina de estágio em educação infantil II (pré-escola) e, ainda, uma produção visual, elaborada por uma das acadêmicas, feita com giz de cera, papel sulfite A4 com gramatura maior e tintas aguadas à base

<sup>3</sup> Com a identificação da Síndrome Respiratória Aguda Grave por Coronavírus 2 (SARS-CoV-2), causando a doença COVID-19, em março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o planeta em estado de pandemia. No mundo, foram implantadas medidas de contenção do Coronavírus como o distanciamento social, o isolamento e o uso de equipamentos e produtos de proteção individual. No Brasil, a educação foi impactada pelo fechamento das escolas que, a despeito de necessário para a preservação da vida, acirrou as desigualdades nas possibilidades de acesso e de democratização dos saberes.



de corante alimentício. A Imagem 2 explicita um jogo musical com bolas experienciado com acadêmicos na disciplina de estágio nos anos iniciais do ensino fundamental II (4º e 5º anos); na proposta do jogo, o grupo cantou “Peixinhos do mar” (domínio público) e brincou de bater a bola no chão, no tempo forte da canção; também é ilustrado um jogo musical com mãos desenvolvido com acadêmicos na disciplina de estágio em educação infantil II (pré-escola).

Imagem 1 – Oficina de pintura. Produção visual com papel, giz de cera e aguadas.



Fonte: Arquivo UFMS/CPNV (2022)

Imagem 2 – Jogo musical com bolas. Jogo musical com mãos.



Fonte: Arquivo UFMS/CPNV (2022)

No que tange à música, especificamente, foram realizados jogos em que os acadêmicos cantaram, exploraram e utilizaram instrumentos musicais e/ou objetos sonoros inusitados. Também foram experienciados jogos de perguntas e respostas, com a divisão dos graduandos em dois grupos, de modo que uma equipe criava a percussão para uma parte da canção e a outra respondia, utilizando uma outra forma percussiva para o segundo trecho musical. Além disso, foram realizados jogos envolvendo a utilização de objetos como cones, bolas e tecidos, com a finalidade de incentivar a exploração do movimento e a dança, assim como jogos de ciranda, de brincadeiras com mãos e com fórmulas de escolha, de experiências voltadas para a apreciação musical, para a escuta e para o registro das sonoridades e dos movimentos musicais.

Com inspiração no pensamento de Delalande (2019), o objetivo das propostas no campo da música nas disciplinas de estágio – especificamente no estágio na pré-escola e no estágio nos quartos e quintos anos do ensino fundamental, que são ofertados nos primeiros semestres de cada ano – foi inserir os acadêmicos em situações de jogo que se desvinculassem dos modelos do fazer música tradicional, promovendo, assim, uma sensibilização e uma educação musical centradas na exploração, na pesquisa, na conscientização das sonoridades, na capacidade de escuta, na imaginação e na criação. O movimento corporal, o gesto e a dança foram priorizados, por serem as principais fontes da produção sonora e da invenção no fazer musical; o valor conferido ao movimento também decorreu da sua inseparabilidade das manifestações expressivas.

De acordo com Delalande (2019), os sentimentos estão vinculados intrinsecamente aos movimentos, uma vez que os gestos acompanham as emoções humanas; um indivíduo que tem um rompante de raiva expressa a sua frustração e a sua insatisfação por meio de palavras e, igualmente, por meio de movimentos faciais, corporais e gestuais. Similarmente, na música, as emoções, os sentimentos, são indissociáveis dos gestuais, os quais, enfim, são bases *sine qua non* para as movimentações que provocam efeitos sonoros e para a criação das expressões simbólicas que se quer compartilhar.

No decorrer do primeiro semestre de 2022, e no processo de viver a música como um jogo, os licenciandos em pedagogia tiveram seus próprios repertórios enriquecidos e tiveram mais oportunidades para conhecer e falar sobre si mesmos, sobre as outras pessoas, sobre as escolas e sobre suas concepções educacionais. O perfil dos acadêmicos/estagiários era majoritariamente composto por mulheres, e mães, que terminaram o Ensino Médio e pausaram os estudos antes de entrarem na universidade; a grande maioria também era de estudantes trabalhadores (exercendo atividades em escolas, salões de beleza, comércios de vendas, cooperativas do agronegócio, frigoríficos e usinas), residentes em Naviraí e em municípios da região, com relatos de pouco acesso à arte e à cultura, evidenciando relações com a música balizadas, em grande parte, pelas produções massivamente veiculadas/valorizadas pelas indústrias culturais. No período mencionado, o estágio em educação infantil II (pré-escola) contou com 12 acadêmicos e a disciplina de estágio nos anos iniciais do ensino fundamental II (4º e 5º anos) abarcou 35 estudantes.

Ampliando as suas percepções, os acadêmicos adentraram em debates sobre a construção de um jeito profissional que poetiza, que transvê a realidade, que valoriza e respeita a multiplicidade e que, por isso mesmo, considera imprescindível a vivência das crianças com diferentes formas de linguagens e de expressões. Os acadêmicos narraram a positividade das experiências com jogos musicais nas aulas das disciplinas de estágio, explicitando compreensões mais transparentes acerca do papel do professor pedagogo no trabalho com as manifestações artísticas e com a música nas escolas. Os acadêmicos afirmaram, em várias situações, que se sentiam mais seguros para propor atividades musicais e estético-criativas em meio aos projetos temáticos que desenvolveriam com turmas de crianças, pois os universos dos jogos lhes deixavam mais confortáveis para atuar com sonoridades, movimentos, canções etc.; os licenciandos ainda falaram sobre a possibilidade que o jogo lhes trazia de realizar ações musicais com graus de dificuldade que se adequavam às suas possibilidades.

Conforme Machado (2017, p. 125), dois fatores são preponderantes para que o professor pedagogo, unidocente, desenvolva trabalhos com música: primeiramente, é preciso que os profissionais desenvolvam o gosto pela música e adquiram, continuamente, mais familiaridade com a área; adicionalmente, são fundamentais o “envolvimento com a música e a formação musical (quantidade e sua qualidade)” recebidos nas histórias pessoais de vida, e, principalmente, em meio aos processos de desenvolvimentos profissionais (formação inicial e



continuada). A disciplina de estágio foi espaço para os acadêmicos se envolverem com a música como um jogo e para despertarem desejos quanto à expansão das suas sensibilidades e dos seus conhecimentos em música, reconhecida como área importante para a movimentação das propostas curriculares na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.

Para além das aulas presenciais na universidade – que visaram, como mencionado, a indivisibilidade teórico-estética –, as disciplinas de estágio ainda abarcaram atividades de observação participante e de regência em escolas públicas municipais, bem como atividades de registros e de planejamento de projetos temáticos. O projeto temático remete a uma situação pedagógica exploratória e problematizadora que faculta o desenvolvimento da voluntariedade e a construção de conhecimentos. No projeto há um tema gerador que faz com que as experiências não sejam estanques e desvinculadas, mas integradas, envolvendo a continuidade da conversa, da atitude investigativa e criativa em meio às múltiplas linguagens. Os projetos de estágio elaborados pelos graduandos em pedagogia – e orientados por professores da universidade – abarcaram em torno de cinco encontros com turmas da educação infantil, ou dos anos iniciais do ensino fundamental, incluindo uma mostra das produções de desenho, de escrita, de pintura e de fazer musical das crianças.

No projeto “Brincando com Carlos Dala Stella”, planejado para – e desenvolvido com – uma turma de crianças de pré-escola, a dupla de estagiárias criou propostas de modo que os pequenos conhecessem a biografia e algumas das obras do artista e desenhista Carlos Dala Stella,<sup>4</sup> especialmente as produções constantes no livro “Quer jogar?” (STELLA; KLISYS, 2015). Na medida em que vivenciaram propostas de apreciação, as crianças também brincaram com jogos retratados pelo artista – faz de conta, pião, bola etc. –, com jogos escolhidos pela turma e com propostas levadas pelas estagiárias dentre as quais jogos musicais envolvendo brincadeiras com mãos, brincadeiras com canção e bola e brincadeiras com música e dança. O Quadro 1 traz descrições sucintas das experiências vividas no projeto.

Quadro 1 – Projeto “Brincando com Carlos Dala Stella”

Encontro 1	Contação de história, com fantoches, para as crianças conhecerem o artista Carlos Dala Stella. Apresentação do livro “Quer jogar?”; apreciação de desenhos de brincadeiras presentes no referido livro. Apreciação/leitura de desenho em que o artista retrata uma brincadeira de faz-de-conta. Convite para as crianças brincarem de faz-de-conta; crianças recebem lunetas, chapéus de pirata (feitos pelas estagiárias) e um mapa para brincarem de caça-tesouros; após, as crianças brincam de casinha na sala de referência da turma, a qual fora organizada com cantos temáticos e materiais diversos.
Encontro 2	Crianças recebem uma caixa surpresa com fichas, as quais trazem o nome e a ilustração de jogos musicais com mãos. Crianças são convidadas para brincar com jogos musicais com mãos. Após, apreciação de outros desenhos de Stella: desenhos de brinquedos de rotação. Convite às crianças para brincarem com carrinho de lata (um brinquedo de rotação). Entrega de um carrinho de lata para cada criança (confeccionados pelas estagiárias), de modo que possam brincar e criar desafios.
Encontro 3	Retomada dos jogos musicais com mãos. Conversa sobre a brincadeira com carrinho de lata e convite às crianças para brincar com outro jogo musical, desenvolvido com a canção “Boneca de lata” (domínio público). Apreciação de outro desenho de Carlos Dala Stella e participação em uma brincadeira alusiva à obra do artista; crianças participam de brincadeiras musicais e com bolas: Batata-quente e Passa a bola (nessa última, a criança que ficar com a bola cria um som legal, ou um som forte, fraco, agudo, grave etc.). Para finalizar, convite às crianças para brincar com algo que as estagiárias gostam, que é a brincadeira de fazer bolhas de sabão; cada criança recebe um <i>kit</i> para fazer as suas bolhas ( <i>kits</i> confeccionados pelas estagiárias).

<sup>4</sup> Carlos Dala Stella é artista visual, ilustrador, poeta e cronista nascido em Curitiba, em 1961. É formado em Letras pela Universidade Federal do Paraná; realizou exposições internacionais e é autor e ilustrador de obras literárias.



Encontro 4	Início do encontro com brincadeiras envolvendo o cantar e o tocar instrumentos e/ou objetos musicais. Convite às crianças para brincarem de ser artistas, tal como Carlos Dala Stella. Cada criança elabora a sua produção artística de pintura, utilizando cartolina branca (metade), tinta guache e pincel. Após a pintura, as crianças escolhem uma brincadeira de preferência da turma e a vivenciam.
Encontro 5	Conversa coletiva com as crianças sobre o que foi vivido no estágio mediante a apreciação das fotos de cada encontro. Mostra (com convite estendido às famílias) com as produções das crianças e com os materiais didáticos preparados para o projeto.

Fonte: Arquivo UFMS/CPNV (2022)

Em outro projeto, também desenvolvido na pré-escola, as crianças conheceram o artista Joubert Pantanero;<sup>5</sup> na medida em que apreciavam as obras do pintor, as crianças exploraram a cultura e a vida pantaneira de modo brincante; animais, bioma e fazeres retratados nas pinturas de Joubert foram motivos para que a turma se envolvesse em pesquisas, em propostas de desenho e de pintura, e, ainda, em momentos de canto, com a exploração de instrumentos musicais e de objetos sonoros. As experiências com as crianças também contaram com jogos musicais inéditos: jogo musical “Pantanal”, com movimentos criativos e com gestos ritmados envolvendo os sons corporais; jogo musical “Tucano dançando chamamé”, com canção e dança com tecidos coloridos; e jogo musical “Dona Ariranha”, com canção, movimentos corporais e dança.<sup>6</sup> No Quadro 2, consta a descrição resumida das experiências que compuseram o projeto “Cores, movimentos e canções com Joubert Pantanero”.

Quadro 2 – Projeto “Cores, movimentos e canções com Joubert Pantanero”

Encontro 1	Início do encontro com cantigas da tradição popular. Contação de história abarcando dados da vida e da obra de Joubert Pantanero, artista plástico, utilizando um boneco e livro confeccionados pelas estagiárias. Apreciação de obras do artista e de imagens do bioma Pantanal. Jogo musical Passa a bola, abarcando a canção: “passa a bola, passa a bola, passa a bola sem parar, e quem vai ficar com a bola uma história irá contar”; no processo do jogo, as crianças passam a bola seguindo o ritmo da canção; criança que ficou com a bola é incentivada a contar algo sobre si (nome e idade, o que gosta de fazer, música preferida, o que gosta de vestir, o que gosta de brincar etc.). Mediante a contação de história, as crianças conheceram dados biográficos de Joubert Pantanero; a intenção é que, no jogo musical, as crianças falem sobre si mesmas, criando as suas narrativas autobiográficas.
Encontro 2	Início do encontro com cantigas da tradição popular. Retomada da história de Joubert Pantanero contada no encontro anterior. Apreciação da obra “Tucano” de Joubert. Convite para as crianças brincarem de amarelinha, com <i>layout</i> que abarca as sílabas da palavra TUCANO. Convite para as crianças conhecerem a canção “Tucano Dançando Chamamé”; primeiramente, as crianças cantam, gestuando e se movimentando; depois, as crianças recebem tecidos de cetim coloridos para criar as suas danças.
Encontro 3	Início do encontro com cantigas da tradição popular. Apreciação da obra “Pião” de Joubert Pantanero. Convite às crianças para dançarem e cantarem a canção “Roda Pião” (domínio popular). Entrega de um pião para cada criança (piões confeccionados pelas estagiárias com materiais recicláveis); momento para a brincadeira com o pião.
Encontro 4	Início do encontro com cantigas da tradição popular. Apreciação da obra “Canoeiro Guató” de Joubert Pantanero. Apreciação de imagens das paisagens e dos animais do Pantanal. Conversa sobre fichas com dados sobre animais do pantanal: nome, locais em que vive, alimentação e

<sup>5</sup> Joubert Pantanero é artista visual nascido em 1946, no município de Corumbá/MS, o qual é conhecido como a capital do pantanal sul-mato-grossense.

<sup>6</sup> Jogos musicais inéditos que estão sendo criados no âmbito de projeto de Iniciação Tecnológica e Inovação (PIBITI), financiado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em desenvolvimento no período de 2021-2022.

	hábitos. Envolvimento das crianças nas brincadeiras musicais “Vamos passear no Pantanal?” e “Dona Ariranha”. Desenho com canetinha, lápis de cor e giz de cera em papel, para as crianças expressarem algo que foi vivido no decorrer do projeto.
Encontro 5	Momento para relembrar a história de Joubert Pantanero e para falar sobre o que foi feito no projeto. Mostra (com convite estendido às famílias) com as produções das crianças e com os materiais didáticos preparados para o projeto.

Fonte: Arquivo UFMS/CPNV (2022)

As imagens 3 e 4 expressam a vida presente nas experiências das crianças pré-escolares em jogos musicais propostos em meio aos projetos temáticos desenvolvidos pelos licenciandos em pedagogia; foram mãos que brincaram no decorrer das canções, corpos cujas sonoridades foram exploradas, gestos com tecidos que acompanharam movimentos musicais, objetos sonoros e instrumentos musicais que foram explorados pelos pequenos, brincadeiras que envolveram o cantar e o gestuar. Pode-se dizer que as cenas ilustradas remetem a experiências permeadas por qualidades estéticas (impulsionando mais percepções e significações), advindas de necessidades profundamente sentidas, e cujo caráter lúdico permitiu ultrapassar os limites da realidade.

Imagem 3 – Movimentos, explorações e criações em jogos musicais na educação infantil



Fonte: Arquivo UFMS/CPNV (2022)

Imagem 4 – Canção e uso de instrumentos musicais na educação infantil



Fonte: Arquivo UFMS/CPNV (2022)



Nos estágios voltados para os anos iniciais do ensino fundamental, os jogos musicais também foram mobilizados. No projeto “Bilhetes de Niara”, cujo planejamento é sumariamente apresentado no Quadro 3, as crianças do quarto ano receberam bilhetes de uma personagem fictícia que mora em Angola, representada pela boneca Niara; com o incentivo da nova amiga, as crianças leram um livro sobre palavras africanas que compõem o vocabulário cotidiano brasileiro (FRAGATA, 2020), apreciaram obras do artista plástico Heitor dos Prazeres e conheceram a musicista Jovelina Pérola Negra.<sup>7</sup> As crianças cantaram canções compostas pela referida sambista, exploraram instrumentos e sonoridades característicos do samba, vivenciaram jogos envolvendo o canto e a percussão e jogos voltados para a representação de sonoridades de animais e de fenômenos do mundo. O universo temático do projeto impulsionou a vontade das crianças de escrever, de desenhar e de pintar; muitas das produções das crianças – escritas e plásticas – tiveram relação com as músicas e com os jogos musicais vivenciados no decorrer do projeto.

Quadro 3 – Projeto “Bilhetes de Niara”

Encontro 1	Crianças conhecem, e recebem, a boneca Niara, a qual leva, para a turma, um bilhete e o livro A África que você fala (FRAGATA, 2020). Exploração do Globo Terrestre para identificação do local de vida de Niara (Angola, África) e do local de vida das crianças (Naviraí/MS, Brasil). Análise da escrita de palavras do livro e jogo pula-pula das palavras. Desenho individual expressando algo que fora vivido ou debatido no encontro, e escrita de uma frase, ou de um pequeno texto, expressando algo que a criança gostou de fazer, lembrou ou pensou, a partir das experiências que tiveram com Niara.
Encontro 2	Entrega de bilhete de Niara para as crianças, que as convida para conhecer um artista: o pintor e musicista Heitor dos Prazeres. Apreciação da obra “Roda de Samba” de Heitor. Considerando a representatividade de Heitor dos Prazeres, debate sobre temas como: preconceito, condições sociais e valorização da pessoa e da cultura negra. Escrita coletiva de uma lista de palavras pensadas a partir da apreciação da obra de Heitor dos Prazeres; separação e classificação silábica das palavras listadas; conversa sobre rimas e aliterações. Desenho e pintura com lápis grafite, tinta guache e pincéis, em cartolina, com o objetivo de as crianças expressarem algo que queiram, tendo em vista as conversas e as atividades do encontro.
Encontro 3	Apreciação das pinturas feitas no encontro anterior. Entrega do terceiro bilhete de Niara para as crianças, convidando-as para uma contação de história sobre a musicista, e sambista, Jovelina Pérola Negra. Apreciação da canção “Feirinha da Pavuna”, de Jovelina. Crianças são incentivadas a conversar sobre a letra da canção, a cantar e a dançar. Considerando a representatividade de Jovelina, continuação dos debates sobre: preconceito, condições sociais e valorização da pessoa e da cultura negra. Após a vivência com a canção, as crianças usam o texto de “Feirinha da Pavuna” para circular palavras, proceder à separação e à classificação silábica, e redigir um pequeno texto a partir de uma palavra escolhida.
Encontro 4	Crianças recebem o último bilhete de Niara, convidando-as para manipular e explorar instrumentos geralmente presentes no samba: ganzá, pandeiro, cavaquinho, violão e chocalhos. Jogo de improviso com os instrumentos musicais. Entrega de texto instrucional para as crianças abordando a confecção de um ganzá utilizando material reciclável e grãos; cada criança recebe o material para construir o seu ganzá. Crianças são convidadas a ir para a área externa da escola, para formarem uma roda de samba; no pátio, as crianças são incentivadas a cantar, dançar e criar pequenas sequências musicais com os instrumentos, em outro jogo de improviso. Desenho e pintura com lápis grafite, tinta guache e pincéis, em cartolina, para as crianças expressarem algo que queiram, tendo em vista o que foi trabalhado no decorrer do projeto.

<sup>7</sup> Heitor dos Prazeres (1898-1966), descendente de negros que migraram da Bahia, nasceu e viveu no Rio de Janeiro. Compoendo, cantando e pintando, Heitor é um importante nome da arte e da música brasileira. Jovelina Pérola Negra (1944-1998), que também nasce e vive no Rio de Janeiro, foi uma cantora e compositora brasileira negra que, subvertendo ideologias de sua época, se tornou uma grande diva do samba; Jovelina gravou discos individuais, sendo premiada com um Disco de Platina.





Encontro 5	Mostra (com convite estendido às famílias) com as produções das crianças e com os materiais didáticos preparados para o projeto. Antes da abertura da Mostra as crianças vivenciam momentos para cantar “Feirinha da Pavuna” e demais canções da tradição popular, para explorar os instrumentos musicais em jogo de improviso, e, ainda para participar de brincadeiras musicais voltadas para a exploração e a representação de sonoridades e/ou para a vivência rítmica: Desfile Maluco, Yapo, Guli, guli etc.
------------	---

Fonte: Arquivo UFMS/CPNV (2022)

Com uma turma de quinto ano, uma dupla de estagiárias desenvolveu o projeto “Música, som e aprendizagem” (ver Quadro 4). Tudo começou com uma canção do gênero sertanejo que conta uma história de vida, possibilitando experiências com o canto, com a interpretação, com o movimento expressivo e com a exploração de chocalhos. Os temas da terra, da vida na área rural, do trabalho na roça e no sertão etc. instigaram o grupo a apreciar obras de arte de Candido Portinari que também retratam essas temáticas.<sup>8</sup> Aproveitando as palavras dos temas debatidos na música e nas pinturas, as crianças estudaram rimas, aliterações, sílabas e divisões silábicas, e produziram textos autorais, considerando que estes foram conteúdos de estudo requeridos pela professora regente e responsável pela turma. Pode-se dizer que esse projeto não se voltou tanto para os jogos de criação musical, mas é inegável que a música, vivida de modo significativo, foi o carro chefe de aprendizagens que integraram campos do conhecimento.

Quadro 4 – Projeto “Música, som e aprendizagem”

Encontro 1	Apreciação da canção “Vida na roça” (Trio Parada Dura). Após as crianças ouvirem a música algumas vezes, entrega da letra da canção impressa para leitura coletiva e para que o grupo possa, novamente, ouvir a música e cantar. Conversa e criação de interpretações para a canção; entrega de um chocalho para cada criança, convidando-as para uma roda musical, isto é, para que possam cantar, tocar o chocalho e dançar. Realização de um debate abordando as temáticas: vida no campo, vida na cidade, relações entre o campo e o espaço urbano, condições do trabalho no campo e na cidade, justiça/injustiça social, impactos da ação humana no meio ambiente. Análise de palavras constantes na letra da música “Vida na roça” (sílabas, classificação silábica, rimas, aliterações, palavras que cabem dentro da palavra). Desenho para expressar algo das discussões realizadas coletivamente, ou algo sobre a experiência com a música. Apreciação dos desenhos.
Encontro 2	Retomada do que foi feito no encontro anterior, valorizando a oralidade e o debate. Retomada do conteúdo relacionado à separação e à classificação silábica. Conversa com as crianças sobre parlendas da nossa cultura: o que são, suas funções sociais, suas características. Retomada da canção “Vida na Roça”, com as crianças cantando e tocando os chocalhos. Crianças são divididas em grupos para escolherem uma palavra da canção “Vida na Roça”, ou uma palavra decorrente dos debates coletivos, para – a partir desta palavra – criarem (e escreverem) uma parlenda; após a escrita, as crianças são incentivadas a sonorizar a parlenda com percussão corporal (palmas, mãos nas coxas, bate pés, mão no peito, dedos estalados etc.). Apresentação das parlendas criadas, recitadas e sonorizadas.
Encontro 3	Apresentação do artista Candido Portinari e apreciação das obras: “O mestiço”, “Meninos soltando pipas”, “Criança morta”, “Lavrador de café” e “Menino com pão”. A partir da apreciação/leitura das obras, retomada do debate sobre as temáticas: vida no campo, vida na cidade, relações entre o campo e o espaço urbano, condições do trabalho no campo e na cidade, justiça/injustiça social, impactos da ação humana no meio ambiente e na vida dos coletivos. Cada criança escolhe uma obra de Portinari para, a partir dela, criar uma pequena história. Leitura das histórias no coletivo.
Encontro 4	Jogo em que as crianças, divididas em grupos, escrevem palavras, as escondem em algum lugar da escola e criam pistas para um caça-palavras (similar a um caça-tesouros); os grupos trocam as

<sup>8</sup> Candido Portinari (1903-1962) nasceu em Brodowski, cidade do interior do estado de São Paulo. Portinari foi um artista plástico com projeção nacional e internacional, retratando a infância, a cultura, as injustiças e mazelas sociais de sua época.



	pistas e saem em busca das palavras; encontrando o material escondido, cada grupo cria um pequeno texto usando as palavras achadas (a criação pode ser de uma frase, uma parlenda, uma estória etc.). Apresentação da escrita criada pelos grupos. Para finalizar, individualmente, cada criança faz um desenho expressando algo que foi vivido no decorrer do projeto. Apreciação dos desenhos.
Encontro 5	Mostra (com convite estendido às famílias) com as produções das crianças e com os materiais didáticos preparados para o projeto.

Fonte: Arquivo UFMS/CPNV (2022)

Os jogos musicais foram vividos de maneiras variadas nos projetos de estágio desenvolvidos com crianças dos quartos e quintos anos do ensino fundamental: (i) jogos de pergunta e de resposta; (ii) jogos envolvendo o movimento e o corpo em meio a brincadeiras da tradição popular; (iii) jogos envolvendo a criação e a sonorização de parlendas; (iv) jogos com percussão com copos, ou com outros objetos sonoros, partindo de canções folclóricas ou de canções da música popular brasileira. As experiências com jogos, e com a arte, impulsionaram a imaginação, a criação e, igualmente, o interesse das crianças pelos temas estudados; a música mobilizou até mesmo a vontade das crianças de registrar usando a escrita e o desenho. A Imagem 5 apresenta um momento do jogo de improviso realizado no decorrer do projeto “Bilhetes de Niara”, em que as crianças exploraram instrumentos característicos das rodas de samba, improvisando frases musicais; nessa mesma imagem há uma pintura que traz a expressão de uma criança, após apreciação das obras de Heitor dos Prazeres e do acesso que todos da turma tiveram ao universo de Jovelina Pérola Negra.

Imagem 5 – Exploração e improvido com instrumentos musicais. Desenho com lápis grafite e tinta guache em cartolina.



Fonte: Arquivo UFMS/CPNV (2022)

Na Imagem 6 visualiza-se um jogo de improviso entre duas crianças de um quarto ano do ensino fundamental; após uma atividade coletiva envolvendo um jogo musical de pergunta e resposta, as crianças escolheram objetos sonoros e outros materiais para explorações e criações individuais, em duplas ou em grupos. A Imagem 7 apresenta, ainda, registros produzidos pelas crianças no projeto “Música, som e aprendizagem”; são desenhos, criações textuais e atividades com a análise de palavras no que tange às sílabas, rimas e aliterações. A Imagem 5, por sua vez, ilustra cenas de dois jogos musicais realizados com crianças no ensino fundamental; ambos os jogos envolveram a experiência rítmica e o movimento.

Imagem 6 – Exploração e improviso com instrumentos musicais. Registros (desenhos, textos e análises de palavras) realizados no projeto “Música, som e aprendizagem”.



Fonte: Arquivo UFMS/CPNV (2022)

Imagem 7 – Jogo Desfile maluco. Jogo Amarelinha africana.



Fonte: Arquivo UFMS/CPNV (2022)

Nas propostas com os acadêmicos no âmbito das disciplinas de estágio, e, igualmente, nos estágios realizados junto às crianças, consideramos que as experiências quantitativas e qualitativas com a música ampliam o desenvolvimento das musicalidades dos sujeitos, contribuindo para a complexificação do modo de a pessoa receber e perceber o material sonoro, auxiliando na ampliação do gosto musical, provocando o enriquecimento da capacidade de apreciação e de conversa com as produções musicais, facultando o desenvolvimento da expressividade (PENNA, 2010). A musicalidade de um indivíduo não é idêntica à de outro e a constituição do ser musical será mais rica na medida em que as experiências com as formas sonoras culturais também o forem (NASSIF-SCHROEDER, 2008).

O trabalho educacional com a música requer a proposição de atividades significativas em suas relações com a vida. Como o aprendizado de toda linguagem requer tempo e imersão no sistema simbólico de referência, não é o contato esporádico com algumas obras, tampouco a oferta de oficinas eventuais, que despertará a sensibilidade e o conhecimento musical dos educandos. Uma criança – e mesmo o adulto que se forma e se prepara para o trabalho no campo da educação – precisa vivenciar a música de modo plural, e com frequência, para que consiga fazer parte da partilha das produções musicais elaboradas historicamente, em outras palavras, para que domine códigos partilhados pelos que usufruem das produções musicais, para que possa apreciar o que escuta, e para que consiga criar algo respeitando as marcas das linguagens e dos gêneros musicais (NASSIF-SCHROEDER, 2008).



A música vivida como um jogo mobilizou despertares musicais nos acadêmicos da pedagogia. Segundo Delalande (2019), é papel insubstituível da escola iniciar o desenvolvimento de uma cadeia de motivações nos estudantes no que tange à música, que se inicia com o despertar musical e que se complexifica continuamente. Se os debates de François Delalande se voltam, prioritariamente, para a discussão do desenvolvimento musical na infância, afirmamos a possibilidade de captura das suas teses para defender que adultos também precisam do jogo para desenvolver paixões, necessidades e saberes no campo musical. Em meio aos jogos, seja pelas afetividades despertadas, pelos corpos que foram colocados em atividade, pelas descobertas sonoras, pelas criações coletivas, ou pelas reflexões suscitadas, os licenciandos evidenciaram mais envolvimento com a área da música, querendo integrá-la em seus projetos temáticos de estágio.

O jogo liga a música à vida. O som em correspondência imediata com o vivido se torna uma experiência estética, ou seja, uma experiência verdadeiramente educativa, capaz de provocar novas necessidades e sensibilidades, de integrar os elementos da cultura que muitas vezes são segregados na realidade cotidiana e de levar as pessoas a alcançar novos percursos formativos. Compreendendo o poder da experiência estética, da música e das propostas que integram áreas do conhecimento e culturas, os pedagogos ganham mais condições para serem autores de levantes nas escolas, revolucionando as práticas pedagógicas, garantindo oportunidades para que as crianças/os estudantes também vivam o cotidiano escolar estética e artisticamente.

### 3 Considerações finais

O professor pedagogo, valendo-se do jogo, pode contribuir para o desenvolvimento do gosto e da ação artístico-musical das crianças da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental. As experiências com música na formação inicial e continuada dos pedagogos contribui para despertar a voluntariedade no que tange ao desejo de mais envolvimento e de mais conhecimento dos fenômenos sonoros, da área musical, dos jogos musicais.

Experienciando a música em suas funções sociais, em suas relações com a vida, e, sempre que possível, trabalhando em parceria com educadores musicais, os pedagogos podem adquirir mais conhecimentos sobre música, podem ganhar autonomia em termos de curiosidade, exploração, escuta e criação. O jogo se torna uma via profícua para que os pedagogos experienciem a música ao mesmo tempo em que constroem pensamentos sobre uma prática pedagógica integrada, expressiva, que valoriza a multiplicidade e que contribui maximamente para visões de mundo alargadas em termos de sentidos e significados; o jogo ainda se torna uma possibilidade real para os pedagogos trabalharem a música de acordo com os desenvolvimentos que possuem em determinado momento de suas trajetórias, possibilitando propostas que são adequadas e que não ferem especificidades das áreas.

Na formação inicial dos pedagogos, os estágios supervisionados são momentos fecundos para a experiência estética, para a ampliação dos conhecimentos culturais, artísticos e musicais dos futuros professores, até mesmo para que, em meio às múltiplas linguagens e manifestações culturais, os acadêmicos pensem criticamente os espaços, os tempos, os materiais, os afetos e as relações que sustentam as práticas pedagógicas. Se o músico joga continuamente em sua trajetória profissional – na medida em que explora, manipula, aprimora gestos, cria regras, vive frustrações e consumações –, os pedagogos também podem continuar o aprendizado da sua profissão em meio aos jogos, em específico junto aos jogos musicais.





## Referências

ALARCON, Alessandra Cintra; BRITO, Teca Alencar. François Delalande: a pedagogia do despertar musical. **Literartes**, v.1, n. 10, p. 12-32, 2019.

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. Concepções e práticas artísticas na escola. *In*: FERREIRA, S. (Org.). **O ensino das artes**. Construindo caminhos. Campinas: Papyrus, 2001.

DELALANDE, François. **A música é um jogo de criança**. Tradução Alessandra Cintra. São Paulo: Petrópolis, 2019.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FRAGATA, Cláudio. **A África que você fala**. São Paulo: Globinho, 2020.

MACHADO, Daniela Dotto. Indicadores educacionais de desenvolvimento profissional da docência em música nos anos iniciais do ensino fundamental: uma pesquisa narrativa junto a professores unidocentes. *In*: BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro (Org.). **Educação musical e unidocência**. Pesquisas, narrativas e modos de ser do professor de referência. Porto Alegre: Sulina, 2017.

NASSIF-SCHROEDER, Silvia Cordeiro. O biológico e o cultural na música. **Digital&Art**, São Paulo, n.8, p. 1-5, 2008.

NASSIF-SCHROEDER, Silvia Cordeiro. A arte como linguagem: um olhar sobre as práticas na educação infantil. **Leitura: Teoria & Prática**, v. 30, n. 58, Campinas, 2012.

PENNA, Maura. **Música(s) e seu Ensino**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE PEDAGOGIA. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Naviraí (UFMS/CPNV). **Resolução nº 577**, COGRAD, de 30 de novembro de 2018, Campo Grande, 2018.

STELLA, Carlos Dala; KLISYS, Adriana. **Quer jogar?** São Paulo: SESC, 2015.

STRAZZACAPA, Márcia; NASSIF-SCHROEDER, Silvia Cordeiro; SCHROEDER, Jorge. A construção do conhecimento em Arte. *In*: BITTENCOURT, Agueda Bernardete; OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao Machado (Org.). **Estudo, pensamento e criação**. Campinas: Unicamp, p. 75-82, 2005.

Recebido em junho de 2022.

Aprovado em novembro de 2022.